

OLHARES | SGUARDI

*Culture di lingua portoghese. Studi e testi*

1

#### DIREZIONE

Giorgio de Marchis (Università Roma Tre)  
Andrea Ragusa (Università di Parma)  
Matteo Rei (Università di Torino)

#### COMITATO SCIENTIFICO

Orietta Abbati (Università di Torino)  
Gilberto Araújo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
Vanessa Castagna (Università Ca' Foscari di Venezia)  
Simone Celani (Sapienza Università di Roma)  
Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)  
Gian Luigi De Rosa (Università Roma Tre)  
João Dionísio (Universidade de Lisboa)  
Roberto Francavilla (Università di Genova)  
Barbara Gori (Università di Padova)  
Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina)  
Monica Lupetti (Università di Pisa)  
Rita Marnoto (Universidade de Coimbra)  
Enrico Martines (Università di Parma)  
Roberto Mulinacci (Università di Bologna)  
Carlos Nogueira (Universidad de Vigo)  
Patrícia Peterle (Universidade Federal de Santa Catarina)  
Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa)  
Mariagrazia Russo (Università degli Studi Internazionali di Roma)  
Vincenzo Russo (Università di Milano)  
Sonia Netto Salomão (Sapienza Università di Roma)  
Alvaro Santos Simões Jr. (Universidade Estadual Paulista)  
Valeria Tocco (Università di Pisa)  
Ricardo Vasconcelos (San Diego State University)  
Roberto Vecchi (Università di Bologna)

#### SEGRETERIA DI REDAZIONE

Virginiacora Caporali (Università di Genova)  
Luigia De Crescenzo (Università Roma Tre)  
Maria Serena Felici (Università degli Studi Internazionali di Roma)  
Ada Milani (Università di Firenze)  
Maria Antonietta Rossi (Università per Stranieri di Siena)

*I volumi pubblicati nella Collana sono sottoposti a un processo di peer review  
che ne attesta la validità scientifica*

# Il testo e le sue dinamiche nelle culture di lingua portoghese

a cura di

Enrico Martines e Andrea Ragusa



Edizioni dell'Orso  
Alessandria

*Questo volume è stato pubblicato grazie al sostegno dell'Ambasciata del Portogallo in Italia, del Camões, I.P. e dell'Associazione Italiana di Studi Portoghesi e Brasiliani (AISPEB).*



© 2023

Prima edizione: settembre 2023

Copyright by Edizioni dell'Orso s.r.l.

*Sede legale:* via Legnano 46 - 15121 Alessandria (Italy)

*Sede operativa e amministrativa:* Viale Industria, 14/A - 15067 Novi Ligure (AL)

Tel. e fax 0143.513575

e-mail: [info@ediorso.it](mailto:info@ediorso.it)

<http://www.ediorso.it>

Realizzazione editoriale e informatica a cura di ARUN MALTESE ([bibliotecnica.bear@gmail.com](mailto:bibliotecnica.bear@gmail.com))

Grafica della copertina a cura di PAOLO FERRERO ([paolo.ferrero@nethouse.it](mailto:paolo.ferrero@nethouse.it))

Immagine di copertina: José de Almada Negreiros, *Sem título*, grafite, *gouache* e pennarello su cartone, 49×49 cm, s.d. (Collezione privata; fotografia: Carlos Azevedo) © Herdeiros de José de Almada Negreiros.

*È vietata la riproduzione, anche parziale, non autorizzata, con qualsiasi mezzo effettuata, compresa la fotocopia, anche a uso interno e didattico. L'illecito sarà penalmente perseguibile a norma dell'art. 171 della Legge n. 633 del 22.04.41*

ISSN 2975-061X

ISBN 978-88-3613-396-3

*La scelta di seguire o meno l'Accordo ortografico della lingua portoghese è a esclusiva discrezione degli autori e delle autrici dei singoli contributi.*

*O tratado setecentista como género textual  
para a consolidação da literacia em Portugal e  
no Ultramar: a Nova escola para aprender a ler,  
escrever e contar de Manoel Andrade de Figueiredo*

Maria Antonietta ROSSI  
(*Università per Stranieri di Siena*)

*À guisa de introdução*

Na época setecentista, período de reformas iluminadas (MARQUES 1977: pp. 521-536) que inovaram Portugal sob o ponto de vista político, económico e educacional, o género do tratado pedagógico, finalizado à aprendizagem do idioma nacional como Língua Primeira em pátria e Segunda nas colónias do Ultramar, representa o instrumento didático por excelência empregado para consolidar a campanha de alfabetização e de literacia durante o século XVIII, época em que o português se consolidou como única língua oficial de comunicação do Império.

Com efeito, na véspera da célebre reforma pombalina do ensino atuada a partir de 1759, com o alvará datado 28 de junho, impulsionou-se o processo de laicização do sistema escolar, desde sempre administrado pelo poder religioso, cujo método foi definido, no próprio documento, como “escuro” e “fastidioso” (PORTUGAL 1759: p. 673), opinião defendida, porém, nas obras pedagógicas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* de António Nunes Ribeiro Sanches<sup>1</sup> e *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís António Verney.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> António Ribeiro Sanches, *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, [s.n.], Em Colonia, 1760.

<sup>2</sup> Luís António Verney, *Verdadeiro método de estudar: para ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal, exposto em várias cartas*, na oficina de Antonio Balle, Valensa, 1746.

Por conseguinte, nessa altura proliferou, graças ao avanço da imprensa no território nacional e extracontinental, a publicação de volumes didáticos pertencentes à tipologia injuntiva que apresentavam não apenas os cânones morfossintáticos e fonéticos do português, mas também regras para i) compor corretamente determinados géneros textuais, – tal como *O Secretario Portuguez ou Methodo para escrever cartas* de Cândido Lusitano<sup>3</sup> editado em 1745 (ROSSI 2021) – e para ii) guiar, aliás, o comportamento de polidez conversacional e social da nascente burguesia – como, a título de ilustração, *Elementos de civilidade e da decência que se pratica entre gente de bem* do abade Prévost publicado em 1777<sup>4</sup> – obras, estas, direcionadas para a educação dos jovens que constituirão a futura classe mercantilista da nação portuguesa.

Neste clima pré-reformista que antecede o “despotismo iluminado” do Marquês de Pombal (MARQUES 1977: 551-552), o pedagogo e famoso professor de caligrafia Manoel Andrade de Figueiredo publicou em 1718 o manual instrucional *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, atualmente ainda pouco estudado no âmbito da historiografia linguística lusitana, razão pela qual será examinado neste trabalho em perspetiva tanto textual como didática, através de um exame basicamente qualitativo, para evidenciar os aspetos pedagógicos inovadores por ele teorizados para o processo de ensino do idioma nacional, destinado a ser uma matizada língua pluricêntrica (MULINACCI 2021).

Visando uma análise multidimensional do tema proposto, pretendemos dar espaço prioritário, por um lado, i) às técnicas funcionais apresentadas pelo autor, fundamentais para incentivar a habilidade de expressão escrita, necessária para «escrever com brevidade sem erro»<sup>5</sup> (FIGUEIREDO 1718), melhorando, destarte, os saberes declarativos dos discentes e, por outro, ii) às estratégias pragmáticas para ensinar a aritmética, a caligrafia artística e a ortografia através de instruções simplificadas dirigidas aos mestres para incentivar a aprendizagem eficaz do Português como L1 e L2, técnicas que permitem estimular igualmente os saberes processuais, finalidade, contudo, da primeira “escola de ler e escrever” pública promovida por D. João V.

Finalmente, discutiremos as sugestões avançadas por Figueiredo quanto à estruturação das aulas, à escolha dos mestres e dos conteúdos linguísticos e matemáticos a apresentar, privilegiando os métodos silábico e lancasteriano/monitoral.

<sup>3</sup> Francisco José Freire, *O secretario portuguez compendiosamente instruido no modo de escrever cartas*, Off. de Antonio Izidoro da Fonseca, Lisboa, 1745.

<sup>4</sup> Abade Prévost, *Elementos de Civilidade e Decência que se pratica entre gente de bem. Para instrução da mocidade de ambos os sexos*, Trad. por José Vicente Rodrigues, Ant. Alvares Ribeiro, Porto, 1777.

<sup>5</sup> O objetivo da obra é explicitado na parte dedicada à Licença do Santo Ofício, cujas páginas não são numeradas, fundamental na época para a publicação de obras impressas.

*Embasamento teórico e metodologia de análise*

Para focalizar a atenção nas metodologias didáticas avançadas no manual examinado, realizado em pleno clima iluminista de renovação pedagógica a fim de incentivar a Aprendizagem Significativa (AUSUBEL 1963) do Português como L1 e L2 no amplo espaço lusófono, no presente trabalho assumimos, para levar a cabo a nossa investigação de tipologia qualitativa, os pressupostos teóricos da Linguística Textual (WERLICH, 1975; DE BEAUGRANDE, DRESSLER 1981; ADAM 1992; SABATINI 1999; SILVA 2012), fundamentais para analisar a estrutura endógena da obra quanto à intencionalidade, à estrutura composicional e às temáticas apresentadas, bem como da Linguística Educacional, em particular de matriz académica italiana, pioneira neste âmbito, de molde a identificar as abordagens e as estratégias recomendadas aos docentes para promover nos alunos a interiorização permanente das noções na Memória Enciclopédica (FERNANDES 1978; CARVALHO 2001; CISOTTO 2005; DE MAURO, FERRERI 2005; VEDOVELLI, CASINI 2020).

Finalmente, completam o nosso quadro teórico referencial os contributos da Historiografia Linguística Lusitana que propuseram estudos, ainda que genéricos, sobre o volume em questão, focalizados mormente na análise da secção dedicada ao ensino da aritmética (PINHEIRO 1968; PALU 1978; ALMADA 2011; RIPE 2017; SOARES 2019), disciplina essencial para o processo de formação dos alunos que constituirão a nova classe burguesa, que necessita de conhecimentos quer declarativos, quer processuais para impulsionar o progresso da nação.

Tais orientações foram basilares para cumprir os nossos objetivos de investigação, i. e. i) identificar os princípios composicionais do volume, elaborado observando rigidamente os cânones e os padrões editoriais dos manuais didascálicos do século XVIII, período auge de divulgação, segundo Soares (2019), de obras pedagógicas em língua portuguesa elaboradas por Jesuítas, sobretudo no Brasil, e ii) detetar as abordagens didáticas propostas, que assentam no método a) silábico, elegido para ilustrar as noções linguísticas, e naquele b) lancasteriano ou monitoral, recomendado para estruturar a nível pragmático a atividade pedagógica do público alvo, representado pelos mestres, destinatários principais da obra.

*Nova escola para aprender a ler, escrever e contar: percurso textual*

O volume *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, de cunho decididamente instrucional, destaca-se na época como uma obra didática inovadora por propor, além de conteúdos morfossintáticos e fonéticos, tal como outros instrumentos metalinguísticos em circulação – em particular Cartinhas, Gramáticas e Tratados de Ortografia (CELANI 2012) –, regras de caligrafia, ortografia e aritmética, essenciais para promover o desenvolvimento eficaz dos conhecimentos

práticos dos aprendentes. Consequentemente, a obra em análise teve uma grande difusão tanto em Portugal como nas colónias, sobretudo no Brasil (SOARES 2019), facto que é perceptível através dos dados do levantamento bibliográfico por nós realizado, trabalho que permitiu identificar as seguintes 4 edições, de ampla divulgação sobretudo na primeira metade do século XVIII:

- 1) *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar*, Na officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Lisboa, 1718;
- 2) *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar*, oferecida à augusta magestade do senhor Dom João v Rey de Portugal, na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Impressor do Serenissimo Senhor Infante, Lisboa Occidental, 1722;
- 3) *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar*, oferecida à augusta magestade do senhor Dom João v Rey de Portugal, na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Lisboa, 1973 (Ed. fac-simile da edição de 1722);
- 4) *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar*, [Prefácio de F. Arno Wehling], Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2010 (Ed. fac-simile da edição de 1722).

Considerando a taxonomia de classificação textual proposta por Werlich (1975) e Sabatini (1999), a obra pertence, como já referido, à tipologia instrucional/injuntiva ou técnico-operativa, uma vez que o volume pretende fornecer aos mestres quer instruções pragmáticas para estruturar de maneira profícua a própria atividade de ensino, quer estratégias diretas para incentivar a aprendizagem de conhecimentos tanto declarativos como processuais. A este propósito, o autor explicita a intencionalidade textual do volume na secção do prólogo,<sup>6</sup> onde explica ao leitor – i. e. ao futuro mestre – que dita obra se mostra imprescindível para o cumprimento da política linguística perseguida por Portugal, cujo idioma se difundiu a nível comunicativo em 4 continentes através do secular processo de expansão geográfica, instrumento que servirá aos docentes para serem capazes de apresentar de maneira eficaz e homogénea as regras basilares quer de ortografia, quer de expressão escrita, iniciativa editorial que também outras nações estavam a ativar para conferir estabilidade gráfica às línguas em incessante estado de evolução diacrónica.

À luz do exposto, podemos afirmar que o pedagogo quer atingir objetivos de natureza didascálica e prática: além de descrever as diferentes letras e os padrões

<sup>6</sup> As duas páginas que compõem o prólogo e a dedicatória não são numeradas.



de emprego de cada uma para formar sílabas e palavras através do método silábico, já aplicado nas primeiras *Cartinhas de Ler e de Escrever* do século XVI (ROSSI 2017), Figueiredo explica ainda noções basilares de ortografia, setor bastante lacunoso nessa altura, observando rigorosamente as teorias de João Franco Barreto exposta na *Ortografia da lingua portugueza* de 1671,<sup>7</sup> obra que defende a adoção da ortografia de carácter etimológico (RIBEIRO 1997: pp. 98-100). Segundo o autor, portanto, tais regras são de pública utilidade, uma vez que completam a educação do ideal homem burguês. Nesta perspetiva, o pedagogo quer fornecer, da mesma forma, regras de caligrafia acessíveis, aspeto totalmente inovador, sendo o autor conhecido na corte portuguesa como «Mestre desta arte nas cidades de Lisboa ocidental e oriental» – aspeto bem evidenciado na capa do volume – e regulamentar, de maneira prática, a arte da aritmética, sugerindo que os mestres apliquem o método mnemónico, amplamente empregado nas escolas jesuíticas.

Sob o ponto de vista endógeno e composicional, o volume está estruturado, para propor os princípios de fundação de uma *Nova Escola* finalizada à formação da classe média dirigente, i) pela dedicatória, presente na capa, secção essencial segundo o protocolo editorial da época; ii) pelo prólogo ao leitor, onde o padre jesuíta explicita os objetivos educacionais do volume, acima ilustrados; iii) pelo Tratado Primeiro, que assenta na arte da leitura; iv) pelo Tratado Segundo, que expõe as regras de escrita; v) pelo Tratado Terceiro, baseado nas regras de ortografia e, por último, vi) pelo Tratado Quarto, parte dedicada à arte da Aritmética, em particular à matemática de natureza ‘comercial’, sendo, este, um saber fortemente cultivado na época por mercadores e comerciantes, expoentes em constante ascensão social e económica.

Examinando de maneira pormenorizada cada secção textual, na dedicatória percebe-se que a obra é dirigida ao rei D. João V, não apenas por ter permitido a concessão das licenças necessárias para a publicação, mas também por ter promovido a primeira escola pública elementar portuguesa, onde se aplicavam os novos métodos didáticos anti-jesuíticos, e por ter sido ele próprio aluno da “arte de ler e de escrever”, útil à toda a nação de maneira que o povo pudesse desenvolver as apropriadas habilidades de escrita, indispensáveis para celebrar, aliás, as virtudes e as empresas do monarca.

No prólogo ao leitor, pelo contrário, o autor expressa a intencionalidade textual da *Nova Escola*, obra dirigida aos futuros mestres elegidos para formar a nova classe burguesa: com efeito, o objetivo primário perseguido por Figueiredo consiste em fornecer «meyos uteis e mais faceis para se aprenderem as letras», sistematizando, deste modo, o ensino da língua portuguesa para o processo educa-

<sup>7</sup> João Franco Barreto, *Ortografia da lingua portugueza*, na oficina de Joam da Costa, Lisboa, 1671.

cional nas terras ultramarinas, gerido desde o início da colonização pelo poder religioso. Por conseguinte, o propósito do autor é, por um lado, renovar as abordagens didáticas dos Jesuítas, definidas “obsoletas” no alvará de 1759, e, por outro, promover a uniformização metodológica do ensino da leitura, da escrita, da ortografia, da aritmética e da caligrafia, disciplina considerada auxiliar no processo de formação.

Passando às partes temáticas do trabalho, o primeiro tratado – *Da instrucçam para ensinar a ler o idioma portuguez com brevidade, e sufficiencia para se escrever, assim como se pronuncia* – está estruturado em 2 capítulos principais. No primeiro, o pedagogo exorta as famílias a selecionar os apropriados mestres de molde a garantir «o bem dos mininos», privilegiando «os mais sábios mestres para sua educação» (1718: p. 1), uma vez que «os ânimos dos mininos são como o campo novo, onde o mestre como Agricultor lança as primeyras sementes da doutrina, conforme he a sua ciencia, assim he também o fruto, que colhem os meninos» (1718: p. 2). Posto isto, além de conhecimentos linguísticos, o bom mestre deve igualmente possuir “muyta virtude”, de forma a «instruir na doutrina Christã, e bons costumes aos mininos» (1718: p. 6), características que edificam, segundo Figueiredo, o “Mestre perfeito” (1718: p. 6) destinado a ensinar nas escolas, consideradas pelo autor como «verdadeiros seminarios em que os mininos se instruem nas letras, e virtudes» (1718: p. 7).

Mantendo uma ótica funcional, o autor apresenta, também no segundo capítulo, diferentes estratégias para estruturar as aulas presenciais de maneira eficiente, cujo protagonista é, de acordo com a perspetiva pedagógica tradicional da época, o mestre, considerado como o único transmissor de saberes. Figueiredo sugere, portanto, que o docente desenvolva cada aula durante 2 horas e 30 minutos, cumprindo 3 objetivos basilares: em primeiro lugar, «pede as matérias» (1718: pp. 8-9), colocando perguntas aos alunos e tomando nota das respostas erradas para dar, se for o caso, o respetivo castigo, prática didática fortemente enraizada naquela altura (ARAGÃO, TIMM 2013: p. 2). Se os exercícios estiverem errados, os alunos voltam a fazê-los segundo as indicações do docente e da supervisão dos alunos menos fracos, denominados “Decurões”(1718: p. 8).

Com base nesta abordagem avançada pelo jesuíta, podemos corroborar a ideia de que ele antecipa os pressupostos teóricos que assentam no chamado “Método Lancasteriano” ou “Ensino Mútuo”, elaborado pelo pedagogo inglês Joseph Lancaster (1778-1838), cujos atores principais são, como ressaltam Aragão e Timm, os «alunos que seriam ensinados por alunos mais adiantados – chamados de monitores – sob a supervisão de um professor» (2003: p. 3).

Seguidamente, o mestre deve dedicar uma parte da aula à oração, durante a qual os estudantes devem rezar de joelhos em latim, o idioma ainda oficial dos ofícios religiosos: segundo Figueiredo, para favorecer a aprendizagem significativa dos conceitos nos rapazes mais fracos, seria recomendável que os mais competentes na habilidade da leitura decorassem os textos a repetir em voz alta,

metodologia recomendada para estimular a interiorização dos conteúdos de cada oração, diferente para cada dia da semana. Finalmente, depois desta secção, o mestre prossegue a sua atividade explicando as novas noções anteriormente planeadas (1718: pp. 9-11).

Além disso, na parte *Advertência no ensino do ler* (1718: p. 11), o autor aconselha os textos religiosos mais apropriados – instrumentos utilizados desde os tempos mais antigos como base do projeto educacional (RUSSO 2021: p. 18) – para treinar, por um lado, a arte da leitura e, por outro, para expor os princípios evangélicos ao público alvo, quer dizer as *Cartilhas* de Padre Inácio Martins (1530-1598)<sup>8</sup> e de Padre Roberto Belarmino (1542-1621),<sup>9</sup> gêneros textuais já amplamente utilizados pelos Jesuítas nas colónias para as campanhas de evangelização. Enquanto no século XVI a terminologia “cartilha” refere-se a silábrios compostos por uma parte linguística, onde se apresentavam as letras e a formação das sílabas, e por uma religiosa, caracterizada por orações e excertos do Evangelho empregados para praticar a leitura, na época setecentista designa, pelo contrário, o “Catecismo”, manual injuntivo que visa expor os princípios fundamentais da religião cristã (ROSSI 2017).

Adicionalmente, nesta mesma secção, Figueiredo sugere, para ativar uma prática docente eficiente, quer o «perfeito conhecimento das letras, e syllabas» a saber escrever corretamente «pegando bem na penna para traçar bem o corte das letras, coordenar bem os espaços» (1718: p. 12), quer a aplicação do método silábico, já protagonista das primeiras cartilhas quinhentistas, para i) mostrar as 21 letras do alfabeto; ii) formar as sílabas e iii) compor as diferentes partes do discurso através de 5 “cartas”, correspondentes a elementares abecedários.

O segundo tratado, porém, é a parte mais pragmática da obra, uma vez que os 4 capítulos que a compõem, focalizados na arte da escrita, fornecem indicações para ensinar a «escrever todas as formas de letras», utilizando os oportunos «instrumentos para bem se escreverem» (p. 1718: 27). Posto isto, o jesuíta demarca, para tanto, um detalhado leque de instruções quanto às ferramentas necessárias para treinar a arte da caligrafia, especificando até a tipologia de papel, de pergaminho, de tinteiros e de canetas a utilizar. No tocante a este saber processual, Figueiredo avança minuciosas indicações para traçar convenientemente a letra romana, redonda, cursiva e as capitais, sugerindo usar a “pauta de linhas” para os alunos principiantes, de modo que estes possam organizar com maior facilidade o espaço a disposição na folha de papel.

<sup>8</sup> P. Marcos Jorge, P. Ignacio Martinz, *Doutrina christã. Composta pelo P. Marcos Jorge; Acrescentada pelo Padre Ignacio Martinz*, por Geraldo da Vinha, Lisboa, 1624.

<sup>9</sup> Roberto Belarmino, *Declaracam copiosa da doutrina christam, composta por ordem do santissimo Padre Clemente VIII de feliz memoria*, Na officina de Joao Galram, & a sua custa, Lisboa, 1685.

A seguir, o terceiro tratado assenta na questão da ortografia, que o autor define como o «principal requisito para bem escrever, recta ordenação das letras do Abecedario, ciência de saber bem escrever ou alma da escrita» (1718: p. 57), a ilustrar conforme os princípios da ortografia etimológica teorizada por Barreto na obra *Ortografia da lingua portugueza*, ainda considerada, no século XVIII, como o modelo teórico referencial desta área. Observando, portanto, tal trabalho metalinguístico, Figueiredo elabora 7 regras basilares para o ensino da ortografia, ilustrando indicações para o correto emprego i) das letras maiúsculas (a utilizar para os nomes próprios, os apelidos, os topónimos e os adjetivos de nacionalidade) e ii) dos acentos e dos sinais de pontuação, assim como instruções para iii) a formação do plural, evitando propor a clássica distinção entre o plural ‘regular’ e ‘irregular’, iv) a monotongação das vogais, a indicar com acento agudo (ex. aa > á) e v) o emprego das consoantes dobradas, a manter por questões de herança do latim. Finalmente, o autor apresenta vi) uma lista de palavras onde se mantêm as consoantes dobradas e vii) as «regras para escrever com propriedade» os patronímicos e as palavras que apresentam nas próprias sílabas as consoantes c, s e z (1718: p. 78).

Por último, o quarto tratado conclui a obra, seção formada por 21 capítulos que mostram instruções elementares, com exemplos práticos, para o ensino da aritmética – parte inovadora deste manual já analisada nos trabalhos de Pinheiro (1968), Palu (1978), Almada (2011), Ripe (2017) e Soares (2019) – através do método mnemónico e do auxílio de “taboadas” (1718: p. 85), ferramentas que podemos definir, em termos didáticos contemporâneos, como mediadores didáticos icónicos (DAMIANO 1993), que incentivam a memorização das noções nas estruturas cognitivas dos discentes.

### *Considerações Finais*

Ao concluirmos o trabalho apresentado, conduzido em perspetiva tanto textual como pedagógica, podemos asseverar que o volume setecentista injuntivo *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* de Manoel Andrade De Figueiredo representa, no âmbito da gramaticografia de matriz lusitana, uma ferramenta didática inovadora em termos de intencionalidade editorial, sendo uma obra dirigida principalmente aos futuros mestres destinados a cumprir a própria missão, i.e. ensinar de maneira apropriada e eficaz o idioma nacional na véspera da campanha pombalina de unificação linguística do império ultramarino, onde o português se consolidou como único meio de comunicação verbal.

Além do mais, a obra mostra a própria originalidade, como frisámos na parte analítica do presente artigo, na seleção dos conteúdos e das disciplinas a ensinar, tal como a arte da caligrafia e da aritmética, conhecimentos considerados auxiliares, nessa época, para o processo de formação dos alunos que constituirão

a nova classe média em constante ascensão social, que necessita de saberes tanto declarativos como pragmático-processuais.

*Riferimenti bibliografici*

- ADAM 1992 = Jean Michel Adam, *Les textes: types et prototypes*, Nathan, Paris, 1992.
- ALMADA 2011 = Márcia Almada, *Caligrafia artística no século XVIII: Brasil e Portugal enlaçados nas letras de Manoel de Andrade de Figueiredo*, «Navegações», v. 4, n. 2, 2011, pp. 172-178.
- ARAGÃO, TIMM 2013 = Milena Aragão, Jordana Wruck Timm, *O Método Lancasteriano e as práticas de castigos escolares: do avilte físico à dor moral*, in *Anais do VII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"*, Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 2013, pp. 1-11.
- AUSUBEL 1963 = David Ausubel, *The psychology of meaningful verbal learning*, Grune and Stratton, New York, 1963.
- CARVALHO 2001 = Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.
- CELANI 2012 = Simone Celani, *Alle origini della grammaticografia portoghese*, Edizioni Nuova Cultura, Roma, 2012.
- CISOTTO 2005 = Lerida Cisotto, *Psicopedagogia e Didattica, Processi di insegnamento e di apprendimento*, Carocci, Roma, 2005.
- DAMIANO 1993 = Elio Damiano, *L'azione didattica: per una teoria dell'insegnamento*, Armando, Roma, 1993.
- DE BEAUGRANDE, DRESSLER 1981 = Robert De Beaugrande, Wolfgang Dressler, *Introduction to text linguistics*, Ulrich Dressler, London, Longman, New York, 1981.
- DE MAURO, FERRERI 2005 = Tullio de Mauro, Silvana Ferreri, *Glottodidattica come linguistica educativa*, in Anna Rosa Guerriero, Miriam Voghera, Grazia Basile (a cura di), *E.LI.C.A. Educazione linguistica e conoscenze per l'accesso*, Guerra, Perugia, 2005, pp. 17-27.
- FERNANDES 1978 = Rogério Fernandes, *O pensamento pedagógico em Portugal*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1978.
- FIGUEIREDO 1718 = Manoel Andrade de Figueiredo, *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar*, Na officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Lisboa, 1718.
- MARQUES 1977 = António Henrique de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 2 voll., 1977.
- MULINACCI 2021 = Roberto Mulinacci, *Conjecturas sobre o português língua pluricêntrica*, in Maria Serena Felici (a cura di), *Glottodidattica della lingua portoghese: una prospettiva diacronica e sincronica*, Tuga Edizioni, Bracciano, 2021, pp. 131-153.
- PALU 1978 = Lauro Palu, *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar (1722)*, «Revista Barroco», n. 10, 1978, pp. 97-106.
- PINHEIRO 1968 = José Eduardo Moreirinhas Pinheiro, *Manuel de Andrade de Figueiredo, educador e calígrafo*, Separata de «Revista de Portugal», v. 23, 1968, pp. 46-50.
- PORTUGAL 1759 = Portugal, *Alvará régio de 28 de junho de 1759*, Lisboa, 1759.

- Disponível em: [http://193.137.22.223/fotos/editor2/RDE/L/S18/1751\\_1760/1759\\_06\\_28\\_alvara.pdf](http://193.137.22.223/fotos/editor2/RDE/L/S18/1751_1760/1759_06_28_alvara.pdf)
- RIBEIRO 1997 = Manuel Pinto Ribeiro, *Ortografia portuguesa: caminhos e incertezas*, «Idioma», n. 19, ano XVI, 1997, pp. 92-118.
- RIPE 2017 = Fernando Cezar Ripe, “*Fez Deos tudo com numero, peso, & medida*”: sobre práticas educativas em um tratado que ensina aritmética em Portugal do século XVIII, «Revista de História e Historiografia da Educação», v. 1, n. 2, 2017, pp. 145-166.
- ROSSI 2017 = Maria Antonietta Rossi, *Le Cartinhas di Évora. Un modello per l’educazione linguistica del XVI secolo. Evoluzione di un genere all’interno dell’odeporica lusitana*, Sette Città, Viterbo, 2017.
- ROSSI 2021 = Maria Antonietta Rossi, *O Secretario Portuguez*. *Cândido Lusitano como promotor da competência textual em língua portuguesa: estratégias e preceitos para escrever corretamente cartas formais*, in Maria Serena Felici (a cura di), *Glottodidattica della lingua portoghese: una prospettiva diacronica e sincronica*, Tuga Edizioni, Bracciano, 2021, pp. 65-82.
- RUSSO 2021 = Mariagrazia Russo, *Antologizzare in grammatiche portoghesi per italofoini: uno sguardo diacronico*, in Maria Serena Felici (a cura di), *Glottodidattica della lingua portoghese: una prospettiva diacronica e sincronica*, Tuga Edizioni, Bracciano, 2021, pp. 17-38.
- SABATINI 1999 = Francesco Sabatini, «Rigidità-esplicitezza» vs «elasticità-implicitezza»: possibili parametri massimi per una tipologia dei testi, in Idem, Gunver Skytte (a cura di), *Linguistica Testuale Comparativa*, Museum Tusculanum Press, Copenhagen, 1999, pp. 142-172.
- SILVA 2012 = Paulo Nunes da Silva, *Tipologias textuais. Como classificar textos e sequências*, Livraria Almedina/CELGA, Coimbra, 2012.
- SOARES 2019 = Flávia dos Santos Soares, *A Aritmética da “Nova Escola para ler, escrever e contar”*, «Zetetiké», v. 27, 2019, pp. 1-25.
- VEDOVELLI, CASINI 2020 = Massimo Vedovelli, Simone Casini, *Che cos’è la linguistica educativa*, Carocci, Roma, 2020.
- WERLICH 1975 = Egon Werlich, *Typologie der Texte: Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*, Quelle & Meyer, Heidelberg, 1975.